RADIOFONIAS
REVISTA DE ESTUDOS DE RÁDIO E MÍDIA SONORA

antiga Rádio-Leituras | ISSN 2675-8067

Identidade musical algorítmica: dados, narrativa e subjetivação no Spotify Wrapped

Algorithmic Musical Identity: data, narrative, and subjectivation in Spotify Wrapped

Identidad musical algorítmica: datos, narrativa y subjetivación en Spotify Wrapped

Anderson Gomes Paes Barretto

Resumo

Este artigo analisa o Spotify Wrapped como dispositivo narrativo que organiza dados de escuta em formas de memória e reconhecimento de si. A partir dos estudos de mídia sonora e da plataformização da cultura, investiga como a retrospectiva transforma práticas de escuta em indicadores quantificáveis e narrativas personalizadas. Metodologicamente, realiza análise qualitativa de edições recentes, com foco em elementos narrativos, estéticos e mensuráveis. Argumenta que a escuta é reconfigurada por processos de categorização, ranqueamento e visualização que articulam dimensões sonoras e parassonoras, convertendo o consumo musical em conteúdo circulável. Como contribuição, propõe o conceito de identidade musical algorítmica, entendido como forma de subjetivação mediada por dados, na qual o sujeito reconhece a si mesmo a partir de classificações produzidas por plataformas algorítmicas.

Palavras-chave: Identidade musical algorítmica; Spotify Wrapped; Mídia sonora; Plataformização; Subjetivação por dados.

>> Informações adicionais: artigo submetido em: 25/03/2026 aceito em: 16/09/2026.

>> Como citar este texto:
BARRETTO, Anderson Gomes Paes. Identidade musical algorítmica: dados, narrativa e subjetivação no Spotify Wrapped. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 17, n. 01, p. 42-70, jan./abr. 2026.

Sobre o autor

Anderson Gomes Paes Barretto
andersonpbarretto@gmail.com
https://orcid.org/0000-0001-7232-8177

Doutor e Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Especialista em Marketing Digital, jornalista, radialista, escritor e produtor cultural. Professor de graduação e pós-graduação, pesquisador e parecerista de premiações e projetos nas áreas de rádio, TV, cinema e mídias digitais. Roteirista pelo Conservatório Europeu de Escrita Audiovisual e Festival Varilux de Cinema Francês. Pesquisador de narrativas de autoficção na interface entre mídia, literatura e cinema brasileiros.

Abstract
This article examines Spotify Wrapped as a narrative device that organizes listening data into forms of memory and self-recognition. Drawing on sound media studies and platformization, it investigates how the retrospective transforms listening practices into quantifiable indicators and personalized narratives. Methodologically, it conducts a qualitative analysis of recent editions, focusing on narrative, aesthetic, and measurable elements. The analysis shows that listening is reconfigured through processes of categorization, ranking, and visualization that articulate sonic and parasonic dimensions, turning music consumption into shareable content. As a contribution, the article proposes the concept of algorithmic musical identity, understood as a form of subjectivation mediated by data, in which the subject recognizes themselves through classifications produced by algorithmic platforms.

Keywords: Algorithmic musical identity; Spotify Wrapped; Sound media; Platformization; Data-driven subjectification.

Resumen
Este artículo analiza Spotify Wrapped como un dispositivo narrativo que organiza datos de escucha en formas de memoria y reconocimiento de sí. A partir de los estudios de medios sonoros y de la plataformización de la cultura, se investiga cómo la retrospectiva transforma prácticas de escucha en indicadores cuantificables y narrativas personalizadas. Metodológicamente, se realiza un análisis cualitativo de ediciones recientes, con foco en elementos narrativos, estéticos y mensurables. Se sostiene que la escucha es reconfigurada por procesos de categorización, jerarquización y visualización que articulan dimensiones sonoras y parasonoras, convirtiendo el consumo musical en contenido circulable. Como contribución, se propone el concepto de identidad musical algorítmica, entendida como una forma de subjetivación mediada por datos, en la cual el sujeto se reconoce a partir de clasificaciones producidas por plataformas algorítmicas.

Palabras clave: Identidad musical algorítmica; Spotify Wrapped; Medios sonoros; Plataformalización; Subjetivación basada en datos.

Introdução

As formas de acesso, circulação e experiência da música têm sido reconfiguradas pelas plataformas digitais, que deslocam práticas tradicionais de escuta para ambientes mediados por algoritmos e interfaces interativas. Nesse contexto, o Spotify se destaca não apenas como serviço de distribuição musical, mas como agente ativo na organização e significação da experiência sonora e musical contemporânea. Para além de sua biblioteca de música e amplo acervo de podcasts constantemente atualizados, uma funcionalidade tem ganhado destaque e visibilidade cada vez maiores dentre seus assinantes: a retrospectiva anual, conhecida mundialmente como Spotify Wrapped.

Derivado de iniciativas anteriores voltadas à visualização de hábitos de escuta, o Spotify Wrapped passou a ser estruturado a partir de 2016 como um produto próprio da plataforma de streaming, na forma de campanha publicitária baseada em dados de consumo musical (Alagiah, 2022). Diante do sucesso da ação anual, o Wrapped tem sido desde então disponibilizado globalmente ao final de cada ano por meio de interfaces digitais personalizadas e interativas (Spotify, 2026). É precisamente sua capacidade de compartilhamento, sobretudo via redes sociais como Instagram, que justifica o enorme alcance da retrospectiva. De fato, ela passa a ser mais do que uma estratégia de marketing e se firma na atualidade como uma prática cultural recorrente, mobilizando dados de consumo para produzir narrativas personalizadas sobre a escuta dos usuários.

O próprio aplicativo Spotify entende o Wrapped como um fenômeno de compartilhabilidade uma vez que, ao longo de sua evolução, o recurso foi integrado ao ecossistema da plataforma necessariamente dentro das funcionalidades relacionadas à integração com as redes sociais. Atualmente, na página de suporte do Spotify, a retrospectiva é o primeiro item no menu Recursos de Redes Sociais, o que já revela o modo estratégico como a empresa enquadra essa funcionalidade. Assim, a cada ano, o Wrapped vai incorporando storytelling musical e visual, categorização algorítmica e mecanismos de compartilhamento em redes sociais. No caso da integração com o Instagram, a retrospectiva ganha

forma por meio de cards animados com imagem e som compartilháveis nos stories. Com isso, deixa de servir apenas como ferramenta informativa e se consolida como dispositivo de engajamento, no qual dados de consumo são convertidos em narrativas personalizadas e circuláveis (Spotify, 2026).

No Brasil, a retrospectiva do Spotify se estabelece como uma prática cultural amplamente difundida, inclusive por ser mote para matérias jornalísticas em portais de tecnologia e entretenimento, como o UOL (2024) e o Tecnoblog (2024), que anualmente publicam guias e análises da funcionalidade. A repercussão da edição de 2025 também evidencia esse processo de circulação, como mostra a cobertura da Folha de São Paulo (2025) sobre a categoria "idade musical", apresentada como uma das novidades da retrospectiva daquele ano. Essa mediação contribui para a institucionalização do Wrapped como um ritual de fim de ano também no ambiente digital brasileiro, reforçando dinâmicas de sociabilidade e engajamento típicas da cultura de plataformas. Para Santaella (2023), trata-se de

> Uma cultura de plataformas que tem sua ênfase exclusiva no entretenimento e na diversão, em função do surgimento de um sistema inteiramente novo chamado de sistema de recomendação propiciado pelas plataformas de entretenimento de que são exemplares o Netflix e outros que se lhe seguiram no campo do streaming audiovisual e o Spotify no streaming de músicas (Santaella, 2023, p. 22-23).

Assim, sob uma perspectiva sociotécnica (Bruno, 2013; Van Dijck, 2013), ao articular coleta de dados, processamento algorítmico e visualização narrativa, o Spotify Wrapped transforma práticas de escuta musical em representações quantificadas, interativas e compartilháveis. Nesse processo, não apenas reflete comportamentos como também participa da construção de identidades mediadas por dados. Mais do que isso, atua como agenciador de identidade musical do usuário, uma vez que, ao selecionar, hierarquizar e categorizar dados de escuta, constrói uma representação específica do passado musical, transformando registros quantitativos em histórias dotadas de sentido, identidade e compartilhabilidade. Nesse processo, os dados deixam de operar apenas como

informação e passam a funcionar como dispositivos narrativos, mediando a relação entre sujeito, música e memória (Van Dijck, 2013).

A categorização dos dados representa, para Janotti Junior (2020), o ideal de conectividade próprio do escutar música no âmbito da cultura digital, resultado tanto do ajuntamento de dados quanto dos rastros de navegação dos usuários. Nesse sentido, plataformas como o Spotify não apenas distribuem conteúdos musicais, mas estruturam a própria experiência de escuta por meio de sistemas de classificação, recomendação e retrospectiva, configurando-se como instâncias ativas de mediação sonora na cultura contemporânea. Por essas razões o Spotify conquista cada vez mais usuários, afinal, funciona como um agenciador cultural de sínteses públicas do gosto musical. De acordo com relatórios institucionais do Spotify (2024), a plataforma ultrapassou 600 milhões de usuários ativos mensais em escala global, consolidando-se como um dos principais ambientes de mediação da escuta de música e podcast.

A presença de podcasts nas retrospectivas do Spotify introduz uma inflexão importante na compreensão da escuta mediada, ao ampliar o escopo do que é reconhecido como experiência sonora significativa. Embora não sejam conteúdos musicais em sentido estrito, os podcasts são incorporados ao Spotify Wrapped como parte da narrativa de escuta do usuário, evidenciando uma reconfiguração das fronteiras entre música, fala e outros formatos sonoros, de modo geral, herdados da linguagem radiofônica. Esse movimento pode ser compreendido à luz da noção de rádio expandido e da plataformização do áudio, em que diferentes formas de produção sonora passam a coexistir em um mesmo ecossistema técnico e cultural (Kischinhevsky, 2007; Couto, 2024).

Assim, ao integrar podcasts à narrativa do Wrapped, o Spotify reforça a ideia de uma identidade sonora que se constrói não apenas pelo gosto musical, mas também pelos conteúdos discursivos consumidos. Essa dinâmica pode ser compreendida sob a ótica de Lopez (2010) sobre a constituição de ambientes sonoros digitais, nos quais diferentes camadas de som – informativas, narrativas

e musicais – articulam-se na configuração da experiência de escuta no ambiente digital.

A partir dos estudos de mídia sonora (Altman, 1992; Lopez, 2016; Wall, 2003), a escuta pode ser compreendida como uma prática mediada por tecnologias e linguagens específicas, que condicionam tanto a percepção quanto a significação do som. Nesse sentido, as transformações contemporâneas do rádio e do podcast ampliam o escopo da mídia sonora para além do broadcasting, incorporando plataformas digitais e novas formas de circulação e consumo de conteúdos sonoros como práticas cotidianas.

Essa reorganização também se manifesta nas formas como diferentes gerações incorporam as plataformas digitais em suas práticas culturais de escuta. No Brasil, pesquisas sobre cultura digital e consumo musical (Couto, 2024; Melo; Machado; Carvalho, 2020) indicam que usuários mais jovens tendem a integrar serviços de streaming às rotinas diárias de escuta contínua, utilizando playlists, recomendações algorítmicas e retrospectivas como ferramentas de organização do repertório musical e construção identitária. Nesse caminho, mais do que simples visualizações estatísticas, retrospectivas como o Wrapped articulam elementos gráficos, textuais e musicais em sequências que organizam temporalmente a experiência auditiva, permitindo tanto a visibilização da performance de escuta musical dos usuários quanto a promoção de processos de homofilia social e pertencimento a identidades musicais compartilhadas.

Em diálogo com Fernanda Bruno (2013), que analisa os modos pelos quais tecnologias digitais produzem regimes de visibilidade e formas de subjetivação, podemos compreender o Spotify como um dispositivo que torna a escuta visível e narrável. Ao transformar dados em narrativas, a plataforma não apenas arquiva práticas sonoras, mas também participa ativamente da construção de modos contemporâneos de lembrar e representar a experiência musical. Assim, no contexto das plataformas digitais como o Spotify, práticas tradicionalmente efêmeras, como a escuta musical cotidiana, encontram-se crescentemente

tensionadas uma vez que passam a ser continuamente registradas, quantificadas e reencenadas.

Procedimentos metodológicos

O argumento proposto é o de que, ao transformar dados em narrativa, o Spotify Wrapped não apenas registra a escuta passada, mas a edita e a reinscreve simbolicamente, contribuindo para a construção de formas específicas de memória sonora e para a produção de identidades musicais na cultura digital contemporânea. Nessa direção, o Spotify Wrapped constitui o fenômeno empírico desta pesquisa, tendo como recorte intencional suas edições de 2022, 2023, 2024 e 2025. A seleção desse período considera a consolidação do Wrapped como dispositivo recorrente de retrospectiva da experiência de escuta e a ampliação progressiva de suas formas de categorização, apresentação e circulação. Não se trata, portanto, de uma amostra estatística, mas de um corpus documental e multimodal constituído pelas quatro edições selecionadas, tomadas em sua estrutura de apresentação e em seus elementos recorrentes.

A análise não se concentra em experiências individuais de usuários nem pretende aferir a precisão dos dados apresentados pela plataforma. O interesse recai sobre as formas pelas quais o Spotify organiza e apresenta a experiência musical, transformando práticas de escuta em categorias, métricas e narrativas. Para tanto, foram observados, nas quatro edições, elementos recorrentes da experiência do Wrapped, incluindo a organização temporal da escuta, a categorização de artistas e gêneros, rankings, métricas, enquadramentos discursivos, recursos de apresentação visual, elementos sonoros e parassonoros e mecanismos destinados à circulação dos resultados. Materiais disponibilizados pelo próprio Spotify foram tomados como documentação principal das edições[1], enquanto materiais jornalísticos e outros registros públicos foram utilizados de

[1] Foram utilizados como documentação principal os Media Kits oficiais do Spotify referentes às edições de 2022, 2023, 2024 e 2025, disponibilizados no Spotify Newsroom. Os materiais reúnem informações, imagens e peças oficiais das respectivas retrospectivas, todos os links diretos estão disponibilizados nas referências deste artigo.

forma complementar para contextualizar as transformações observadas e documentar aspectos específicos da experiência.

Metodologicamente, o estudo adota uma perspectiva qualitativa e interpretativa, orientada pela análise das mediações algorítmicas (Gillespie, 2014). Nessa perspectiva, a mediação não se restringe à intermediação técnica, mas corresponde a um processo ativo por meio do qual plataformas digitais selecionam o que aparece, classificam conteúdos e usuários, organizam a visibilidade e hierarquizam relevâncias. Os algoritmos, portanto, não apenas refletem uma realidade previamente dada, mas participam da produção de versões específicas do mundo, estruturadas segundo critérios próprios de ordenação e inteligibilidade. Em Gillespie (2014), analisar mediações implica investigar como sistemas algorítmicos selecionam, classificam e apresentam informações, produzindo formas particulares de visibilidade e interpretação.

Essa perspectiva foi operacionalizada na análise do Wrapped por meio de quatro eixos articulados: a datificação e categorização da escuta; a narrativização e temporalização da experiência musical; a articulação entre elementos sonoros e parassonoros; e a produção de formas de reconhecimento e circulação da identidade musical. O primeiro eixo considera a transformação das práticas de escuta em métricas, categorias e classificações. O segundo observa como esses dados são organizados em uma narrativa retrospectiva capaz de atribuir coerência temporal ao percurso musical do usuário. O terceiro focaliza a articulação entre microssistemas sonoros e recursos parassonoros, considerando música, voz, efeitos, interface, tipografia, animação e visualização como dimensões integradas da experiência. O quarto examina como as classificações produzidas pela plataforma oferecem ao usuário formas de reconhecimento de si e de apresentação pública de sua experiência musical.

Para cada edição, esses eixos foram mobilizados de forma transversal, mediante a identificação e comparação de categorias, métricas, formas de organização narrativa e recursos sonoros e parassonoros recorrentes ou introduzidos em cada retrospectiva. A comparação entre as edições permitiu

observar continuidades, deslocamentos e ampliações nas formas de representar a experiência de escuta, considerando tanto os elementos que permanecem estruturantes do dispositivo quanto aqueles incorporados progressivamente à narrativa personalizada. O procedimento interpretativo, então, teve como foco as operações de seleção, classificação e apresentação dos dados, buscando compreender como essas operações participam da produção de sentidos sobre a escuta e sobre o sujeito que escuta.

A interpretação do corpus parte, assim, da recorrência dessas operações entre as diferentes edições, buscando compreender não apenas quais informações são apresentadas, mas de que maneira sua seleção, classificação e forma de apresentação participam da construção de sentidos sobre a escuta. O procedimento permite deslocar a atenção dos dados enquanto registros supostamente neutros para as operações que os transformam em narrativa, memória e reconhecimento identitário. Ao articular esses eixos, a pesquisa busca compreender como a plataforma converte práticas musicais dispersas em configurações inteligíveis e socialmente reconhecíveis, estabelecendo as condições para a proposição da noção de identidade musical algorítmica desenvolvida na discussão.

Mídia sonora, mediação e identidade musical

A ampliação do conceito de mídia sonora nas últimas décadas tem permitido compreender fenômenos contemporâneos para além dos limites históricos do rádio, incorporando práticas, dispositivos e ambientes digitais que reconfiguram a experiência da escuta. Nesse contexto, o som deixa de ser pensado apenas como conteúdo transmitido e passa a ser entendido como elemento estruturante de formas específicas de mediação cultural e tecnológica (Altman, 1992; Wall, 2003). Esse deslocamento implica reconhecer que a escuta não é uma atividade neutra, mas uma prática situada, atravessada por dispositivos, linguagens e regimes de circulação que condicionam sua forma e seus sentidos.

Ao discutir as transformações do rádio em ambientes digitais, Lopez (2016) destaca a reconfiguração das relações entre meios, plataformas e audiências em um cenário de convergência, no qual os fluxos comunicacionais e as formas de consumo sonoro passam por transformações. Nesse contexto, a escuta deixa de se vincular exclusivamente à lógica do fluxo radiofônico e passa a ocorrer em diferentes ambientes e dispositivos, articulando novas formas de participação e circulação. No Spotify Wrapped, esse deslocamento permite compreender a escuta como uma experiência mediada por plataformas que organizam, personalizam e apresentam os conteúdos sonoros segundo diferentes formas de interação e consumo.

A compreensão da música como elemento narrativo tem sido amplamente explorada em diferentes campos, evidenciando sua capacidade de produzir sentido para além de sua dimensão estética ou ornamental. Conforme argumenta Gorbman (1987), a música pode atuar como operador narrativo ao organizar temporalidades, sugerir continuidades e estabelecer vínculos afetivos que orientam a interpretação. Ainda que formulada no contexto do cinema, essa perspectiva permite pensar a música como linguagem capaz de estruturar experiências narrativas em distintos ambientes midiáticos, inclusive aqueles mediados por plataformas digitais.

Como demonstram Hagen e Lüders (2017), o consumo de música em plataformas de streaming envolve uma constante negociação entre dimensões pessoais e sociais da escuta, na medida em que os usuários articulam práticas de compartilhamento, visibilidade e distinção. Com o Spotify Wrapped, essa dinâmica é intensificada, uma vez que os dados de escuta se organizam em narrativas prontas para circulação pública. Nesse contexto, a narratividade não se restringe à composição musical em si, mas emerge da articulação entre diferentes elementos – seleção de faixas, ordenamento de sequências, categorização de gêneros e associação a estados de ânimo ou momentos específicos. Essa articulação pode ser compreendida como uma forma de curadoria narrativa, na qual a música é

organizada de modo a produzir coerência e inteligibilidade para a experiência de escuta.

Nesse processo, a música se torna um elemento central na construção de narrativas de si, especialmente em ambientes digitais marcados pela visibilidade e pela circulação social de experiências individuais. A associação entre repertório musical e identidade não é nova, mas adquire novas configurações quando mediada por plataformas que quantificam, classificam e apresentam essa relação de forma sistematizada. A narratividade musical contemporânea surge justamente dessa interação entre práticas culturais de escuta e dispositivos tecnológicos de organização e exibição de dados, ampliando o papel da música na produção de sentido e na construção de subjetividades.

Hagen e Lüders (2017) acrescentam que, na cultura musical contemporânea, o consumo de música por meio de plataformas digitais ajuda a compreender o streaming como um ambiente mediador de performance de escuta musical e prática social, afinal, mobiliza dinâmicas de visibilidade e pertencimento que evidenciam tensões entre instâncias privadas e públicas da experiência musical. Nesse sentido, a música deixa de operar apenas como experiência individual para se consolidar como recurso de mediação social e construção identitária.

Esse cenário é intensificado no Spotify Wrapped, no qual os dados de escuta são organizados para circulação e reconhecimento público. Entretanto, nem todas as informações disponibilizadas pela retrospectiva são necessariamente compartilhadas pelos usuários, pois, de fato, há que se considerar os regimes de visibilidade e curadoria não apenas do algoritmo como dos usuários, que selecionam aquilo que desejam ou não compartilhar, fazendo dessa experiência algo portanto performado. Isto é, ao organizar dados em formatos inteligíveis e narrativizados, o Spotify Wrapped produz versões específicas do passado do usuário, orientadas por lógicas técnicas e comerciais. Com isso, a memória mediada por dados pode ser compreendida como uma memória editada, na qual critérios algorítmicos participam diretamente da

definição do que se torna visível e produz significado. No entanto, há ainda outra instância de edição dessa memória: a edição feita pelo próprio usuário do Wrapped que, ao não querer expor determinado dado de consumo musical apresentado pela plataforma, acaba por selecionar os conteúdos da retrospectiva que melhor lhe aprouver, e assim, acaba performando uma identidade finalmente "consumível", na verdade, uma representação ou amostra daquilo que de fato seria a sua identidade musical.

Nesse momento, é válido abrir um parêntese quanto ao conceito de identidade musical, uma vez que o termo difere de outro um tanto semelhante, o de assinatura musical. A identidade musical pode ser entendida, de acordo com Simon Frith (1996), a identidade de um indivíduo a partir da música que consome ou produz, ou seja, a identidade musical é resultado da experiência musical praticada, fruto tanto do escutar quanto do fazer música. Trata-se, para o autor, de uma identidade em processo e em trânsito constante: da espera pública para a subjetividade e desta, onde é processada, de volta à esfera pública por meio da performance. Diante disso, no caso do Spotify Wrapped, a performance não é aquela em que o músico produz música, mas performance enquanto exposição de si enquanto escuta. Já quando se considera o termo assinatura musical, trata-se da projeção de uma sonoridade musical particular, que identifica o músico numa espécie de marca pessoal e o categoriza nas mais diversas instâncias de gênero, timbre, estilo, repertório e performance musical.

Temporalidade e categorização musical no Spotify Wrapped

Vimos que a retrospectiva Spotify Wrapped introduz uma dimensão performativa da temporalidade ao transformar o passado em experiência presente e compartilhável onde, ao final de cada ano, o usuário é convidado a revisitar sua escuta por meio de uma sequência guiada, não apenas repleta de informações de consumo musical, como também capaz de encenar uma narrativa sobre si mesmo a partir dessa experiência de consumo. Esse movimento reforça a ideia de que a memória sonora, nas plataformas digitais, não é apenas registrada, mas

continuamente reconfigurada em função de dispositivos de mediação que articulam dados, linguagem e experiência (Annabell; Rasmussen, 2025a).

Um dos elementos centrais na estrutura das retrospectivas do Spotify Wrapped é a organização temporal da experiência de escuta, que transforma o fluxo contínuo e fragmentado do consumo musical em uma narrativa linear e coerente. Ao apresentar "o seu ano em música", a plataforma opera uma síntese temporal que reorganiza dados dispersos em uma sequência dotada de início, progressão e fechamento, configurando uma experiência narrativa baseada na ideia de percurso, sem necessariamente apresentar ao usuário o recorte temporal utilizado na coleta de dados. Assim, essa construção temporal não se limita à ordenação cronológica dos dados, mas envolve uma curadoria algorítmica que seleciona e hierarquiza determinados momentos, artistas e gêneros em detrimento de outros.

O próprio Spotify (2025) compreende que os critérios de organização dos dados do Spotify Wrapped é algo relevante que precisa ser justificado aos usuários, afinal, trata-se de uma ação global. Diante disso, a retrospectiva anual é construída a partir de dados coletados entre 1º de janeiro e meados de novembro, período necessário para o processamento e consolidação dos resultados. Segundo a plataforma, as métricas variam conforme o tipo de conteúdo, assim: as músicas são classificadas pelo número total de reproduções, consideradas após pelo menos 30 segundos de escuta; artistas são ranqueados por um sistema de ponderação que prioriza participações principais; e álbuns são avaliados tanto pelo volume de execuções quanto pela distribuição dessas escutas entre suas faixas. Esses critérios indicam que os dados não são apresentados de forma neutra, mas organizados segundo parâmetros específicos que orientam a construção de narrativas sobre a experiência de escuta.

Como apontado por Van Dijck (2013), as plataformas digitais não apenas armazenam informações, mas também participam ativamente da produção de memória ao definir o que se torna visível e significativo. No Spotify Wrapped, essa lógica se manifesta na criação de marcos narrativos: "seu artista mais ouvido",

"seu gênero favorito" ou "seu mood do ano", elementos que funcionam na verdade como pontos de ancoragem para a interpretação da experiência musical.

Ao estruturar a escuta a partir desses marcos, a plataforma constrói uma narrativa que sugere coerência e continuidade, mesmo quando os dados originais são marcados pela dispersão e pela heterogeneidade. Esse processo se aproxima do que Gorbman (1987) identifica como função organizadora da música em contextos narrativos, na medida em que elementos musicais são mobilizados para estabelecer relações de sentido ao longo do tempo. No entanto, no caso do Spotify Wrapped, essa função é parcialmente deslocada para o nível dos dados, que passam a operar como mediadores da narrativa musical.

Diante disso, é importante destacar que essa construção temporal está diretamente vinculada à lógica de personalização das plataformas. Embora apresentada como única e individual, a narrativa do Spotify Wrapped é estruturada a partir de padrões formais recorrentes, que organizam a experiência do usuário dentro de um modelo predefinido. E isso fica evidente em conteúdos como "você está no top 1% dos ouvintes", por exemplo, referindo-se a um determinado artista ou gênero musical. Logo, a temporalidade da escuta é simultaneamente singular e padronizada, evidenciando o papel do algoritmo como instância que articula individualização e serialização na construção da memória musical contemporânea.

Outro eixo fundamental na estrutura do Spotify Wrapped diz respeito aos processos de categorização que organizam a experiência musical em termos de gêneros, artistas e, mais recentemente, "idade musical", "moods" ou perfis de escuta. Essas categorias não apenas classificam o consumo musical, mas operam como dispositivos de produção de subjetividade, ao oferecer ao usuário uma gramática interpretativa para compreender e narrar seus próprios hábitos de escuta. Para Gillespie (2014), os algoritmos não apenas organizam informações, como também estruturam modos de conhecimento e reconhecimento, definindo o modo por meio do qual os sujeitos se percebem a partir dos dados que lhes são apresentados.

No Spotify Wrapped, essa lógica se materializa na atribuição de rótulos que sintetizam a escuta do usuário como “explorador”, “nostálgico” ou “intenso”, convertendo padrões de consumo em traços de personalidade inserida numa dada identidade musical. A categorização algorítmica da música, nesse contexto, não se limita a taxonomias tradicionais de gênero, mas incorpora classificações dinâmicas e frequentemente opacas, baseadas em padrões de comportamento e correlações estatísticas. Sobre isso, Janotti Junior e Pereira de Sá (2019) argumentam que:

> Os gêneros musicais não funcionam como gavetas fixas para o encaixe as obras musicais. É papel dos estudos sobre gêneros musicais observar as dinâmicas e transformações que envolvem os modos de fazer, embalar, circular e consumir música. Assim, tem-se como prescrição a ideia de que a rotulação da música se transforma de acordo com os contextos econômicos, estéticos, sociais e tecnológicas em que ocorrem os processos de categorização musical (Janotti Junior; Pereira de Sá, 2019, p. 15-16).

Assim, ao apresentar categorias que nomeiam e estabilizam a experiência auditiva, o Spotify oferece ao usuário não apenas um espelho de seus hábitos, mas um roteiro interpretativo que orienta a forma como esses hábitos são percebidos e comunicados. Nesse percurso, a relação entre categorização e identidade dialoga diretamente com a perspectiva das discussões sobre subjetivação mediada por tecnologias digitais. Bruno (2013) propõe que os dispositivos digitais contemporâneos operam por meio da produção de perfis que tornam os indivíduos legíveis a partir de seus rastros de comportamento. No caso do Spotify, esses rastros assumem a forma de dados de escuta que, ao serem organizados em categorias e narrativas, como no Spotify Wrapped, produzem uma versão inteligível do sujeito musical. Esse processo pode ser compreendido como uma forma de performance da escuta, na medida em que a identidade musical não é apenas refletida, mas produzida a partir da interação com a plataforma.

É importante destacar que essas categorias não são neutras, pois resultam de decisões técnicas e culturais inscritas nos sistemas algorítmicos da plataforma. Ao definir quais classificações são possíveis e quais narrativas são apresentadas, o Spotify delimita os modos pelos quais a experiência musical pode

ser compreendida e narrada. Assim, a performatividade da escuta no Spotify Wrapped revela não apenas a expressão de identidades musicais, mas também os limites e enquadramentos impostos pelos dispositivos que as tornam visíveis.

Portanto, ao selecionar, hierarquizar e apresentar determinados dados em detrimento de outros, a plataforma não apenas representa a escuta, mas define o que nela se torna perceptível, comunicável e socialmente relevante. Desse modo, a música, enquanto experiência sensível, é reconfigurada por uma lógica que articula som, visualidade e dado, instaurando um regime no qual ouvir implica também ver, quantificar e compartilhar. O Spotify Wrapped, assim, não apenas narra a escuta, mas redistribui suas formas de percepção e expressão, evidenciando que, no contexto das plataformas digitais, a experiência sonora é inseparável das condições técnicas que a tornam visível e reconhecível.

Ainda sob essa perspectiva crítica, Bruno (2013) argumenta que as tecnologias digitais não apenas mediam ações, elas produzem modos de ser sujeito. E isso se verifica a partir do momento em que o sujeito se constrói pelas interfaces que utiliza, pelos dados que gera e pelas respostas que recebe de outros usuários. Ou seja, trata-se de um processo de subjetivação mediado pela escuta musical, o que se intensifica diante do fato de essa escuta se tornar cada vez mais exibível e reconhecível, o que faz do ato de compartilhar uma verdadeira norma. No Wrapped, portanto, a escuta musical é simultaneamente capturada, interpretada e devolvida como narrativa identitária, configurando uma forma de subjetivação algorítmica na qual o sujeito não apenas ouve, mas se compreende a partir daquilo que é mensurado, exibido e reconhecido como sua própria experiência sonora.

Wrapped: narratividade sonora e construção de sentido

Se, nos movimentos anteriores, observamos como o Spotify Wrapped organiza a escuta em termos de temporalidade e identidade, é na articulação entre dados e visualidade que se consolida sua potência como dispositivo de memória sonora e narratividade. A retrospectiva não apenas apresenta informações, mas as

transforma em uma experiência narrativa visualmente estruturada e orientada para circulação, na qual os dados são convertidos em unidades simbólicas compartilháveis.

Nas quatro edições mais recentes do Spotify Wrapped (2022–2025), observa-se não apenas a recorrência de determinados elementos estruturais, mas também a progressiva sofisticação dos modos de narrativização dos dados, especialmente no que se refere à personalização, à comparabilidade e à performatividade da escuta.

Em 2022, a retrospectiva consolida uma virada importante ao incorporar, de forma mais sistemática, categorias interpretativas que traduzem padrões de consumo em perfis identitários. As chamadas "personalidades musicais" — como "The Adventurer" ou "The Specialist" — operam como dispositivos de síntese narrativa que condensam comportamentos complexos em arquétipos facilmente reconhecíveis e compartilháveis. Para além de rankings tradicionais (artistas, músicas e gêneros mais ouvidos) e métricas como minutos totais de escuta, essas categorias introduzem uma camada discursiva que orienta a leitura dos dados, oferecendo ao usuário uma interpretação estruturada de si mesmo. O que está em jogo, nesse caso, não é apenas a apresentação de informações, mas a estabilização de identidades musicais em formas narrativas padronizadas e socialmente circuláveis (FIG. 01).

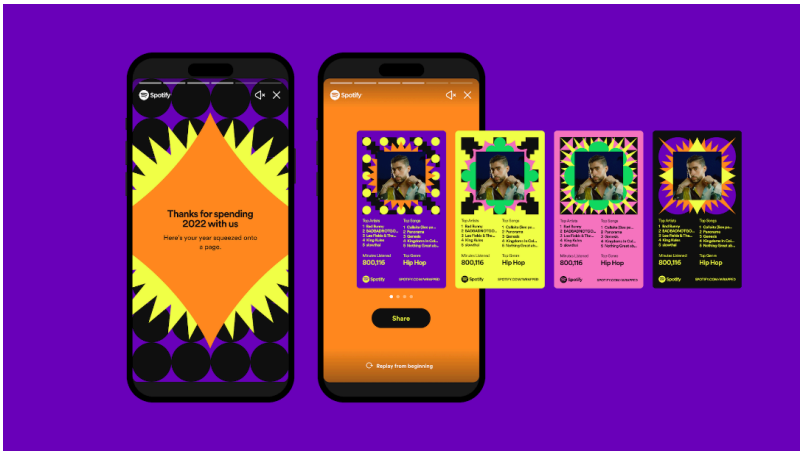


Figura 01 – Cards do Spotify Wrapped 2022 para compartilhamento via redes sociais

Fonte: Spotify, 2022

Em 2023, observa-se um deslocamento significativo na forma como a identidade sonora é construída, com a introdução de categorias que articulam dados de escuta a perfis interpretativos e referências culturais. O recurso “Me in 2023”, por exemplo, associa padrões de consumo a categorias como “Hypnotist”, “Luminary”, “Shapeshifter” e “Time Traveler”, traduzindo comportamentos de escuta em perfis capazes de sintetizar e narrar a experiência musical. Paralelamente, recursos como “Sound Town” associam o perfil musical do usuário a cidades ao redor do mundo, enquanto o posicionamento percentual entre ouvintes reforça a dimensão comparativa da experiência. O usuário não apenas conhece seus dados, mas passa a se situar por meio de categorias, territórios simbólicos e posições relativas, deslocando a narrativa de um eixo introspectivo para uma lógica de distinção e reconhecimento social (FIG. 02).

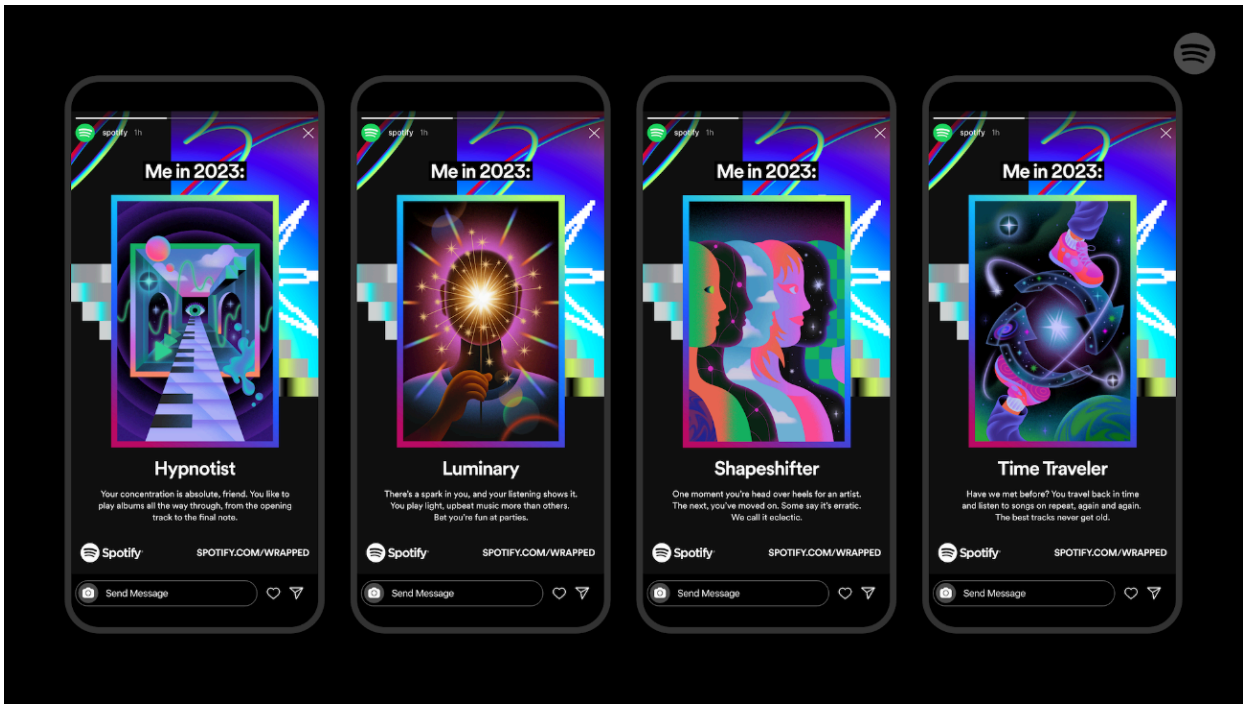


Figura 02 – Cards do Wrapped 2023 para compartilhamento via story do Instagram
Fonte: Spotify, 2023

Já em 2024, a retrospectiva aprofunda essas tendências ao intensificar a granularidade dos dados e a ênfase na singularização da experiência. As métricas tornam-se mais detalhadas e orientadas para a produção de exclusividade, como a indicação de pertencimento a faixas percentuais cada vez mais restritas de ouvintes (top 0,5%, 0,1%, entre outros), ao mesmo tempo em que são apresentadas por meio de uma estética visual mais dinâmica e fragmentada.

Além disso, o Wrapped 2024 ampliou a integração entre diferentes formas de conteúdo sonoro, com destaque para a maior visibilidade conferida aos podcasts, que passaram a ocupar posição relevante na composição da retrospectiva e ampliaram o escopo da memória construída pela plataforma. Essa incorporação não apenas diversifica os objetos de escuta, como ainda reconfigura os critérios de sua mensuração e narrativização, deslocando a centralidade da música para um ecossistema mais amplo de conteúdos sonoros. Nesse contexto, a retrospectiva então se aproxima de uma lógica de gamificação da escuta, na qual práticas culturais são traduzidas em métricas, rankings e indicadores de desempenho que operam como marcadores de diferenciação entre usuários.

Cabe agora observar que essa dinâmica intensifica a dimensão comparativa da experiência e a orienta para circuitos de visibilidade, nos quais a escuta passa a ser continuamente organizada em formatos prontos para circulação. Os cards compartilháveis, nesse sentido, não atuam apenas como recurso de interface, mas como operadores culturais que alinham a retrospectiva a uma economia da atenção baseada na exposição e na replicabilidade, consolidando uma norma de compartilhamento na qual a experiência sonora é estruturada desde sua origem para ser exibida, apropriada e reinscrita em interações sociais mediadas pelo algoritmo.

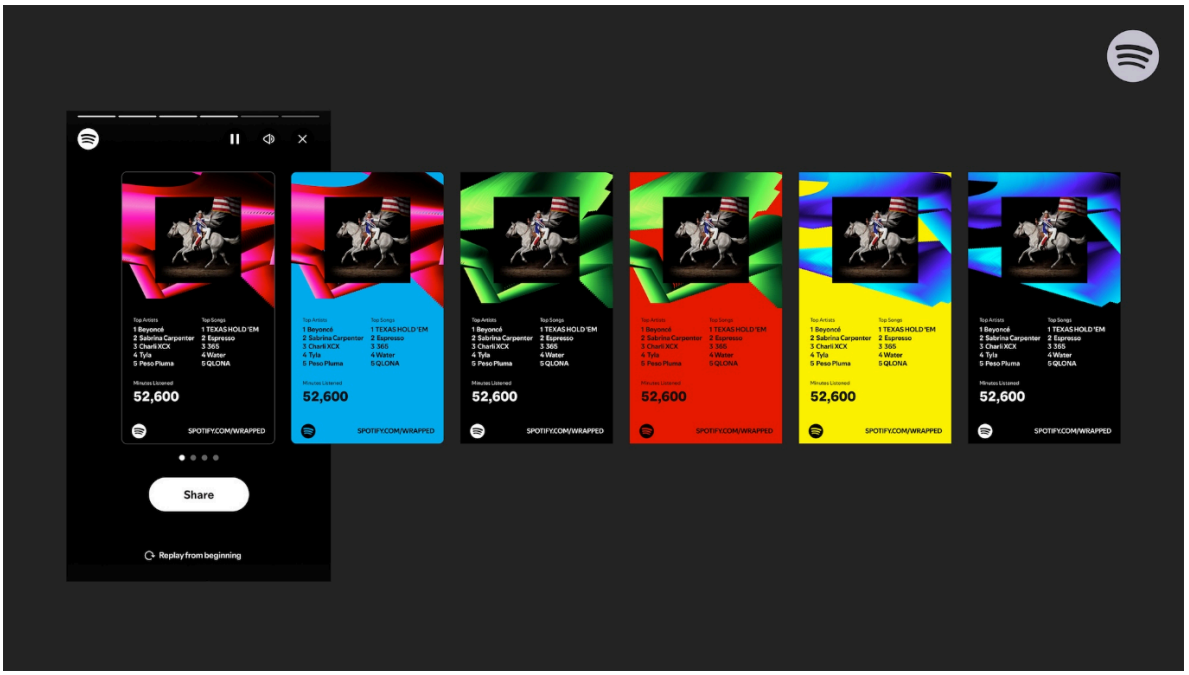


Figura 03 – Card-resumo do Spotify Wrapped 2024 para compartilhamento via redes sociais
Fonte: Spotify, 2024

Na edição de 2025, a introdução da categoria “idade musical” explicita de forma particularmente evidente a lógica de classificação identitária operada pelo Spotify Wrapped. Ao atribuir ao usuário uma idade baseada em padrões de escuta associados a determinados estilos musicais, a plataforma converte práticas sonoras em marcadores simbólicos que articulam consumo cultural e projeções de identidade. Tal operação pode ser compreendida à luz das “identidades algorítmicas”, conforme discutido por John Cheney-Lippold (2017), na medida em que transforma comportamentos em categorias interpretáveis que passam a interpelar o sujeito como formas de reconhecimento de si (FIG. 04).



Figura 04 – Card "Listening Age" do Spotify Wrapped 2025

Fonte: Spotify, 2025.

A ampla circulação dessa métrica, especialmente no contexto brasileiro, aponta ainda para uma dimensão performativa da retrospectiva, uma vez que os usuários não apenas recebem a classificação, como também a negociam publicamente, seja por meio de sua contestação, seja por sua incorporação como elemento de distinção. Nesse processo, a "idade musical" deixa de operar como simples dado e passa a funcionar como dispositivo de mediação identitária, por mais que estereotipada, ativando repertórios sociais de interpretação e reforçando a dimensão relacional e discursiva da escuta nas plataformas digitais.

Conforme proposto por Kochhann (2024), o objeto radiofônico contemporâneo pode ser compreendido a partir da articulação entre um microssistema sonoro, constituído por elementos como voz, palavra, locução, silêncio, música e efeitos sonoros, e um microssistema parassonoro, composto por textos, design, fotografias, vídeos e infográficos. Essa articulação entre essas duas instâncias produz sentido e orienta a experiência do usuário. No Spotify Wrapped, a integração entre os elementos sonoros e parassonoros revela que a memória sonora não é apenas escutada, mas também visualizada e navegada,

sendo construída por meio de uma estética que traduz o som também por meio de formas visuais e interativas. Assim, o que está em jogo não é apenas a representação da escuta, mas sua reconfiguração em uma experiência sensorial ampliada, na qual o som é continuamente mediado, expandido e reinscrito por dispositivos parassonoros.

Assim, no âmbito do sistema sonoro, nas edições mais recentes do Wrapped aqui consideradas, destacam-se trechos musicais, vinhetas curtas e efeitos de transição que orientam a navegação, além de uma organização rítmica implícita que, mesmo em momentos de silêncio, sugere cadência e progressão narrativa. No plano parassonoro, a experiência é estruturada por recursos visuais e interativos, como tipografias dinâmicas, paletas cromáticas vibrantes, animações sequenciais e cards compartilháveis, que operam, na prática, como extensões semióticas do som.

De fato, vemos que a lógica de narrativização dos dados é indissociável de sua inscrição visual. Afinal, a estrutura em "cards", a sequencialidade das telas, o uso de cores vibrantes e tipografias dinâmicas configuram uma gramática estética que transforma dados abstratos em afirmações identitárias. Cada elemento funciona como uma unidade narrativa autônoma – "você ouviu X minutos", "este foi seu artista nº 1", "você está entre os 1%" – compondo uma narrativa fragmentada, porém progressiva, que orienta a interpretação da experiência musical e revela ao público aquilo que propomos chamar de *identidade musical algorítmica* dos usuários da plataforma.

Identidade musical algorítmica: uma proposição

A análise das edições do Spotify Wrapped permite observar que a plataforma não apenas reúne informações sobre a escuta, mas organiza essas informações em categorias capazes de atribuir sentidos à experiência musical. Artistas, gêneros, recorrências, métricas, percentuais e classificações são apresentados ao usuário como elementos de uma narrativa sobre aquilo que ouviu ao longo do ano. As diferentes edições analisadas mostram, ainda, que essas

categorias assumem formas distintas de reconhecimento, desde perfis de personalidade e comunidades de gosto até rankings, classificações percentuais e categorias como a "idade musical". A recorrência dessas operações permite compreender o Wrapped como um dispositivo no qual práticas de escuta são transformadas em formas classificáveis de identificação, articulando dados, música e representação de si.

A produção recente sobre o Spotify Wrapped tem deslocado a compreensão da retrospectiva para além de sua dimensão promocional e personalizada. Annabell e Rasmussen (2025a) compreendem o Wrapped como um evento algorítmico no qual os usuários são convidados a confrontar e interpretar formas de datificação do gosto musical e de si. Em outro estudo, Annabell e Rasmussen (2025b) analisam as formas pelas quais os usuários refletem criticamente sobre a datificação do *self* em atividades relacionadas ao Wrapped.

Valiati, Lupinacci e Soares (2026) aproximam o fenômeno de processos de *algorithmic self-making* e performances de gosto, enquanto Muchitsch (2026) analisa como a apresentação dos dados participa da construção de música, escuta e ouvintes. Esses estudos situam o Wrapped em um campo de investigação marcado pelas relações entre datificação, identidade, gosto e classificação algorítmica. O presente estudo parte desse debate, mas desloca a atenção para a escuta musical como matéria específica da classificação algorítmica.

A identidade musical algorítmica é compreendida aqui como uma formulação específica. As identidades algorítmicas dizem respeito às formas pelas quais sistemas algorítmicos classificam os sujeitos (Cheney-Lippold, 2017), enquanto o imaginário algorítmico envolve os modos como esses sistemas são compreendidos e interpretados (Bucher, 2018). A noção proposta neste artigo parte de outro movimento: a transformação das práticas de escuta em dados, categorias e narrativas que passam a representar o sujeito a partir de sua relação com a música. A identidade musical algorítmica designa, assim, a classificação

plataformizada da escuta musical como matéria de reconhecimento e representação de si.

A partir desse conjunto de contribuições, permanece uma questão específica: o que ocorre quando a classificação algorítmica do sujeito tem como matéria suas próprias práticas de escuta? O problema não consiste apenas em compreender como usuários negociam identidades produzidas por dados, mas em compreender como práticas musicais são convertidas em categorias por meio das quais a experiência de si se torna inteligível. A especificidade do fenômeno decorre do fato de que a classificação incide sobre uma experiência cultural atravessada por afetos, repertórios, pertencimentos e formas socialmente compartilhadas de interpretação do gosto. Nesse sentido, o que distingue a identidade musical algorítmica não está apenas no uso de algoritmos para classificar sujeitos, mas na transformação de uma prática cultural e sensível, isto é, a escuta, em categorias capazes de representar o sujeito a partir de sua relação com a música.

Partindo da noção de identidades algorítmicas de Cheney-Lippold (2017) e das relações entre música e identidade discutidas por Frith (1996), propõe-se aqui a noção de identidade musical algorítmica. Trata-se de uma forma específica de subjetivação na qual práticas de escuta são capturadas como dados, submetidas a processos de classificação e reorganizadas em categorias que passam a operar como marcadores identitários. O conceito não designa simplesmente uma identidade musical produzida por algoritmos, mas o processo pelo qual uma experiência cultural e sensível da música é convertida em informação classificável e devolvida ao sujeito sob formas narrativas que orientam o reconhecimento de si. A identidade musical algorítmica resulta, portanto, da articulação entre a dimensão identitária da experiência musical e as operações algorítmicas que transformam práticas de escuta em categorias inteligíveis. A proposição desloca, assim, o foco da identidade produzida por sistemas algorítmicos para a escuta como matéria de classificação, permitindo compreender como uma prática musical passa a funcionar como dado, categoria e representação do sujeito.

Por fim, a lógica de compartilhamento constitui elemento central desse dispositivo. A circulação dos resultados do Wrapped desloca a classificação produzida pela plataforma para espaços de reconhecimento social, nos quais categorias, rankings e perfis musicais podem ser apropriados como formas de apresentação de si. A identidade musical algorítmica não se encerra, portanto, na relação entre usuário e plataforma. Sua constituição envolve também a possibilidade de tornar pública uma versão datificada da própria experiência musical, articulando reconhecimento de si, diferenciação e interação social. Nessa dinâmica, a escuta deixa de ser apenas uma prática registrada pelo sistema e passa a integrar um processo contínuo de produção, interpretação e circulação de identidades mediadas por dados.

Considerações Finais

Este artigo buscou compreender como as retrospectivas do Spotify Wrapped operam como dispositivos de construção de memória sonora no contexto das plataformas digitais, evidenciando o papel dos dados na organização narrativa da experiência de escuta. Ao analisar a estrutura temporal, os processos de categorização e a articulação entre dados e visualidade, foi possível demonstrar que o Wrapped não se limita a apresentar informações sobre o consumo musical, mas atua ativamente na produção de sentidos sobre esse consumo, convertendo dados em narrativas que orientam a forma como os sujeitos percebem e interpretam sua própria escuta.

Como contribuição, o artigo propõe compreender o Spotify Wrapped como um dispositivo de reinscrição da memória sonora, no qual dados, música e visualidade se articulam em uma narrativa orientada para a circulação e o compartilhamento. Essa perspectiva permite avançar nas discussões sobre plataformização da cultura e mediação algorítmica, ao evidenciar que a memória, nesse contexto, não é apenas armazenada, mas continuamente produzida, organizada e performada.

Por fim, outros horizontes começam a se anunciar por meio de pesquisas futuras que venham a explorar comparativamente outras plataformas e formatos de retrospectiva digital, bem como investigar empiricamente a recepção dessas narrativas pelos usuários, considerando dimensões como apropriação, resistência e ressignificação. Também se abre como possibilidade o aprofundamento das relações entre escuta, visualidade e performatividade em ambientes digitais, especialmente em contextos marcados pela crescente centralidade dos dados na mediação da experiência cultural.

Bibliografia

ALAGIAH, M. How Spotify's Wrapped campaign for 2022 came together. **It's Nice That**, 30 nov. 2022. Disponível em: https://www.itsnicethat.com/features/spotify-wrapped-campaign-identity-2022-graphic-design-301122. Acesso em: 25 mar. 2026.

ALTMAN, Rick. **Sound theory, sound practice**. New York: Routledge, 1992.

ANNABELL, Taylor; RASMUSSEN, Nina Vindum. An algorithmic event: the celebration and critique of Spotify Wrapped. **New Media & Society**, 2025a. DOI: https://doi.org/10.1177/14614448251391301. Acesso em: 29 ago. 2026.

ANNABELL, Taylor; RASMUSSEN, Nina Vindum. Spotify (Un)wrapped: how ordinary users critically reflect on Spotify's datafication of the self within creative workshops. **Journal of Gender Studies**, v. 34, n. 8, p. 1177-1193, 2025b. DOI: https://doi.org/10.1080/09589236.2024.2433674. Acesso em: 29 ago. 2026.

BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser**: vigilância, tecnologia e subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2013.

BUCHER, Taina. ***If...Then:*** algorithmic power and politics. New York: Oxford University Press, 2018.

CHENEY-LIPPOLD, John. **We are data:** algorithms and the making of our digital selves. New York: New York University Press, 2017.

COUTO, Edvaldo Souza. Plataformização do áudio e cultura digital: dinâmicas contemporâneas do consumo sonoro. **Mídia e Cotidiano**, Niterói, 2024. Disponível em: https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/65941. Acesso em: 17 mar. 2026.

FRITH, Simon. Music and identity. In: HALL, Stuart; DU GAY, Paul (org.). **Questions of cultural identity**. Londres: Sage Publications, 1996. p. 108–127.

GILLESPIE, Tarleton. The relevance of algorithms. In: GILLESPIE, Tarleton; BOCZKOWSKI, Pablo J.; FOOT, Kirsten A. (ed.). **Media technologies***:* essays on communication, materiality, and society. Cambridge: MIT Press, 2014. p. 167-194. DOI: 10.7551/mitpress/9780262525374.003.0009. Acesso em: 29 ago. 2026.

GORBMAN, Claudia. **Unheard melodies***: narrative film music*. Bloomington: Indiana University Press, 1987.

HAGEN, Anja Nylund; LÜDERS, Marika. Social streaming? Navigating music as personal and social. **Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies**, v. 23, n. 6, p. 643–659, 2017. DOI: https://doi.org/10.1177/1354856516673298.

JANOTTI JUNIOR, Jeder. **Gêneros musicais em ambientações digitais.** Belo Horizonte: PPGCOM/UFMG, 2020. Disponível em: https://seloppgcomufmg.com.br/colecoes/generos-musicais-em-ambientacoes-digitais. Acesso em: 28 ago. 2026.

JANOTTI JUNIOR, Jeder; PEREIRA DE SÁ, Simone. Revisitando a noção de gênero musical em tempos de cultura musical digital. **Galáxia**, São Paulo, n. 41, p. 128-139, maio/ago. 2019. DOI: 10.1590/1982-25542019239963. Acesso em: 29 ago. 2026.

KOCHHANN, Roscéli. Pensar o objeto radiofônico: questões orientativas para um olhar ampliado para pesquisas de processos de comunicação radiofônica. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, v. 15, n. 3, p. 6-21, 2024. DOI: 10.63234/radiofonias.v15i3.7688. Disponível em: https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/7688. Acesso em: 27 ago. 2026.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **O rádio sem onda**: convergência digital e novos desafios na radiodifusão. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

LOPEZ, Debora Cristina. ***Radiojornalismo hipermidiático:*** tendências e perspectivas do áudio no ciberespaço. Covilhã: LabCom Books, 2010.

LOPEZ, Debora Cristina. (Re)Construindo o conceito de audiência no rádio em cenário de convergência. In: ZUCULOTO, Valci; LOPEZ, Debora Cristina; KISCHINHEVSKY, Marcelo (org.). **Estudos radiofônicos no Brasil:** 25 anos do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom. Florianópolis: Insular, 2016. p. 326-342. Disponível em: https://posjor.paginas.ufsc.br/files/2020/02/Estudos-Radiofonicos-no-Brasil-1.pdf. Acesso em: 27 ago. 2026.

MELO, Gabriel Borges Vaz de; MACHADO, Ana Flávia; CARVALHO, Lucas Resende de. Consumo de música no Brasil: uma análise a partir de reproduções em streaming. **PragMATIZES – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura**, Niterói, v. 10, n. 19, 2020. Disponível em: https://periodicos.uff.br/pragmatizes/article/view/40565. Acesso em: 25 mar. 2026.

MUCHITSCH, Veronika. Your Wrapped doesn't lie: data realism and Spotify's constructions of music, listening, and listeners in algorithmic recommendation. **New Media & Society**, 2026. DOI: 10.1177/14614448261422367. Acesso em: 29 ago. 2026.

RETROSPECTIVA Spotify 2024: saiba como acessar a sua. **UOL**, 2024. Disponível em: https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2024/12/04/retrospectiva-spotify-2024-saiba-como-acessar-a-sua.htm. Acesso em: 20 mar. 2026.

RETROSPECTIVA Spotify revela "idade musical" e choca jovens de 70 anos. ***Folha de São Paulo***, 2025. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/blogs/hashtag/2025/12/retrospectiva-spotify-revela-idade-musical-e-choca-jovens-de-70-anos.shtml. Acesso em: 20 mar. 2026.

SANTAELLA, Lucia. **Pensar a inteligência artificial**: cultura de plataforma e desafios à criatividade. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2023.

SPOTIFY. **Spotify Wrapped 2022** – Media Kit. 2022. Disponível em: https://newsroom.spotify.com/media-kit/spotify-wrapped-2022/. Acesso em: 26 ago. 2026.

SPOTIFY. **2023 Wrapped** – Media Kit. 2023. Disponível em: https://newsroom.spotify.com/media-kit/2023-wrapped/. Acesso em: 26 ago. 2026.

SPOTIFY. **2024 Wrapped** – Media Kit. 2024. Disponível em: https://newsroom.spotify.com/media-kit/2024-wrapped/. Acesso em: 26 ago. 2026.

SPOTIFY. **2025 Wrapped** – Media Kit. 2025. Disponível em: https://newsroom.spotify.com/media-kit/2025-wrapped-media-kit/. Acesso em: 27 ago. 2026.

SPOTIFY. **Retrospectiva Spotify**. 2026. Disponível em: https://support.spotify.com/br-pt/article/spotify-wrapped/. Acesso em: 20 mar. 2026.

SPOTIFY. **Wrapped methodology explained**. 2025. Disponível em: https://newsroom.spotify.com/2025-12-05/wrapped-methodology-explained/. Acesso em: 25 mar. 2026.

SPOTIFY libera Wrapped 2024; saiba como ver seus artistas mais ouvidos. **Tecnoblog, 2024**. Disponível em: https://tecnoblog.net/noticias/spotify-wrapped-2024-veja-a-retrospectiva-das-musicas-que-voce-mais-ouviu/. Acesso em: 20 mar. 2026.

VALIATI, Vanessa; LUPINACCI, Ludmila; SOARES, Felipe Bonow. Wrap your head around it: algorithmic self-making and performances of taste on Spotify Wrapped. ***Information, Communication & Society,*** 2026. DOI: 10.1080/1369118X.2026.2647352.

VAN DIJCK, José. **The culture of connectivity**: a critical history of social media. Oxford: Oxford University Press, 2013.

WALL, Tim. **Studying popular music culture.** London: Arnold, 2003. Disponível em: https://obnb.uk/p6911693-studying-popular-music-culture. Acesso em: 10 set. 2026.

WALL, Tim. **Studying popular music culture.** 2. ed. London: SAGE, 2012. Disponível em: https://uk.sagepub.com/en-gb/eur/studying-popular-music-culture/book236987. Acesso em: 10 set. 2026.